

Venda de descongestionantes dispara

O brasiliense vem promovendo uma verdadeira corrida às farmácias e drogarias à procura de preciosos descongestionantes nasais, para se livrar do incômodo da coriza, da mucosa e de outros males que fazem da vida no Planalto Central um verdadeiro drama para muita gente. Apenas nas últimas semanas, o varejo da indústria farmacêutica registrou um aumento de mais de 80 por cento na venda desses produtos, que, nessa época, saem do encalhe direto para a preferência popular, superando a venda de todos os outros medicamentos comercializados em toda a cidade.

Com as bruscas variações climáticas, quando a temperatura passa do calor para o frio sem cerimônia, a já tradicional falta de umidade dessa época testa o limite da resistência da população, deixando crianças, jovens e adultos vulneráveis a vários males no

aparelho respiratório. A saída, então, para milhares de pessoas, é o uso constante dos descongestionantes, como o Sorine e o Rinosoro, os campeões da preferência popular, e outros também não menos cotados com o Aturgil, o Afrin e Rinisone, que custam entre Cr\$ 172 e Cr\$ 180 o frasco de 15 mililitros.

Aumento — Em algumas farmácias, como a Drogaria 102 Norte, a venda desses produtos praticamente triplicou desde julho. Antes das bruscas variações e da baixa umidade, o estabelecimento vendia cerca de 20 frascos de descongestionantes por dia e atualmente a comercialização chega a cerca de 60 frascos.

Vaporizadores e nebulizadores também têm venda garantida, como ocorre com xaropes e medicamentos homeopáticos, especialmente derivados de mel, como atestam funcionários da far-

mácia homeopática Botika, na 106 Sul.

Hipocondríacos — Com a mesma frequência que esses males afetam a população brasiliense em geral, centenas de usuários de descongestionantes acabam se tornando verdadeiros dependentes desses produtos, em função de alguns elementos que formam esses medicamentos, como o Cloridato de Nafazolina, encontrado em alguns deles, como o Sorine, o mais procurado.

O funcionário público José Valdemir, por exemplo, não vai a qualquer lugar se não tiver um frasco de descongestionante nasal. Admite que já se tornou um verdadeiro dependente do produto e toda vez que passa por uma farmácia aproveita para repor o estoque, "Há mais de cinco anos que vêm usando diretamente esses produtos, especialmente nessas épocas".